



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 1

Alerta Vermelho

Giovana Girardi: Você é do tipo que passa a noite fritando por causa de problema? Eu sou... eu fico angustiada com problema de família, de amigo... às vezes, até de gente que eu nem conheço. Parece que eu tô com uma bomba na mão pra desarmar. Não consigo pensar em outra coisa...

Agora imagina como eu fico quando é um problema que atinge a humanidade inteira...

Tipo: o apocalipse?

Em uma madrugada de agosto do ano passado, 2021, eu tava com essa bomba na mão. Não só eu, na verdade... todos os jornalistas que cobrem meio ambiente no mundo receberam a mesma missão.

O IPCC – que é o painel intergovernamental sobre mudanças climáticas da ONU – solta, de tempos em tempos, um relatório sobre o "estado das coisas", digamos assim, dividido em três partes. Naquele dia, ia ser divulgada a primeira.

A cada novo relatório, os cientistas do IPCC trabalham com uma quantidade maior de dados, o que aumenta a certeza sobre o que eles tão falando. Eu já tinha escrito sobre relatórios anteriores, mas a minha sensação era de que aquele texto

tava diferente. Mais dramático.

Giovana Girardi: *É inequívoco que atividades humanas têm aquecido a atmosfera, os oceanos e continentes. As mudanças climáticas estão ocorrendo de modo rápido, generalizado e estão se intensificando. Algumas delas são irreversíveis.*

- A influência humana aqueceu o clima a uma taxa que não tem precedentes pelo menos nos últimos 2 mil anos

- Alguns extremos de calor observados na última década teriam sido extremamente improváveis de ocorrer sem a influência humana.

- Sem redução profunda da emissão de gases de efeito estufa, o planeta vai ultrapassar o aquecimento de 2°C neste século.

Giovana Girardi: "Irreversíveis". "Inequívoco". "Sem precedentes".

Dá pra ver o tom da urgência do problema pelo cálculo de escolha de alguns termos do relatório.

Quando foi comentar o documento, o secretário geral da ONU, António Guterres, disse que ele representava "*um alerta vermelho para a humanidade*".

Ele disse também: "esse relatório precisa soar como uma sentença de morte para o carvão mineral e combustíveis fósseis antes que eles destruam o nosso planeta".

A divulgação do relatório seria feita às 5 da manhã, aqui no Brasil.

E eu passei a madrugada lendo e relendo, tentando fazer jus à gravidade daquelas informações na matéria que eu tava escrevendo.

A urgência do relatório era tão grande, a situação do planeta tá piorando tão rápido, que a reação razoável só podia ser uma:

As políticas iam parar de ser da boca pra fora e os negacionistas iam cair na real.

Mas, né? Eu sabia que não seria bem daquele jeito.

Quer dizer: é claro que a maior parte do mundo repercutiu!

Mas aqui do Brasil, vamo combinar que era realmente difícil esperar alguma coisa.

O Bolsonaro, os filhos, e membros do governo dele já menosprezaram as mudanças climáticas várias vezes.

Lá pelas 9h, começou a circular em redes ambientalistas uma nota que tinha acabado de ser publicada no site do Ministério de Minas e Energia.

A nota tava detalhando um programa novo.

Giovana Girardi: *“Uso sustentável do carvão mineral” no Brasil... “estimativa de investimentos privados de 20 bilhões de reais em 10 anos”... “para ‘modernizar’ o setor”... “previsão de instalação de novas usinas a carvão”...*

Giovana Girardi: Carvão. Sustentável. Carvão sustentável não dá... é uma contradição em termos. Tipo "médico antivacina", sabe?

Quer dizer: o governo tava anunciando um plano oficial prum dos principais responsáveis pela emissão dos gases que causam o aquecimento global.

Aquele mesmo carvão que tava jurado de morte, lembra?

No mundo inteiro, a queima de carvão pra gerar energia é a principal fonte de emissão de gases de efeito estufa.

São esses gases, em quantidade muito acima do normal, que aprisionam o calor na Terra e estão por trás de toda a crise climática que a gente tá vivendo.

Não, gente, e carvão no Brasil!

Para e pensa comigo um minuto. Se eu te pedir pra imaginar uma usina de energia elétrica no Brasil, o que que cê imagina? Pô, eu aposto que cê imaginou uma hidrelétrica. Não imaginou carvão queimando numa térmica.

Tanto país no mundo dependente de carvão e penando pra se livrar... e um país que não precisa, incentivando!

E o timing!

Quem é que consegue emplacar uma agenda dessas num país que nem o Brasil? No dia do relatório que acendeu o alerta vermelho pra humanidade?

Eu cubro meio ambiente há 20 anos, e às vezes eu sinto que eu tô enxugando gelo. A gente tá falando do fim do mundo, e ninguém escuta.

E aí vem alguém e consegue meter um "carvão sustentável"?

Como eles conseguem isso? Eu decidi que eu precisava aprender com esses caras...

Ao longo do último ano eu viajei de norte a sul do país pra tentar entender as forças que tão agindo pra fazer com que o Brasil – que era pra ser uma potência ambiental –

perca o bonde da história, e os brasileiros fiquem desprotegidos nessa crise climática.

Claro que o carvão é só a pontinha do iceberg aqui.

Porque ele é quase irrelevante na matriz elétrica do Brasil...

A maior contribuição do Brasil com o aquecimento global é o desmatamento. Aí vem o povo da pecuária, da soja. Fora a galera do petróleo, do gás...

Mas até por isso faz sentido começar pelo carvão.

Eu sou a Giovana Girardi, e esse é o Tempo Quente. Um podcast original da Rádio Novelo.

-

Giovana Girardi: Pra falar de carvão no Brasil, a gente precisa ir pra Santa Catarina. Mais especificamente pro sul do estado, pra Capivari de Baixo, que fica a uns 130 km de Florianópolis, e pro entorno de Criciúma, que fica 70 km mais pra frente.

É na região de Criciúma que ficam as minas de onde é extraído o carvão que é levado pra Capivari. Em Capivari fica o Complexo Termelétrico Jorge Lacerda, descrito como “a maior usina a carvão da América do Sul”.

Isso faz com que a cidade tenha a maior taxa de emissões de CO2 por quilômetro quadrado no país. É nesse pedacinho que é gerada boa parte da energia elétrica a carvão do Brasil.

Falando assim, até parece muita energia, né?

Mas não fica impressionado, não, porque essa fonte corresponde a só 3% da matriz elétrica brasileira.

Por um lado, a gente usa pouco o carvão porque a gente tem outras fontes de energia em abundância, principalmente a hidrelétrica. Por outro, porque a qualidade do carvão produzido no Brasil é muito baixa.

Pra você ter uma ideia, a cada 100 toneladas de carvão extraídas nas minas de Santa Catarina, cerca de 70 são rejeito. Dos 30% que sobram, 42% viram cinza.

Quer dizer: menos de 20% do que é extraído vai de fato esquentar a caldeira da termelétrica.

O carvão brasileiro basicamente só continua sendo explorado porque conta com muito subsídio do governo. E esse subsídio afeta o seu bolso.

Ou seja:

- carvão de baixa qualidade,
- num país com abundância de outras fontes de energia...
- mais a pressão de décadas da ciência e dos ambientalistas de todo o mundo contra as fontes de energia fóssil...

Tudo isso fez com que o futuro dessa usina tivesse por um fio.

Mestre de cerimônias: [palmas] Sejam todos bem vindos ao evento da Diamante Geração de Energia, uma nova fase da geração de energia no estado de Santa Catarina. O Complexo Termelétrico Jorge Lacerda, localizado aqui no município de Capivari de Baixo, foi concebido pelo governo federal na década de 1960, para através do uso do carvão mineral, proporcionar uma reserva estratégica ao sistema energético integrado, principalmente em períodos de escassez de chuvas...

Giovana Girardi: Escassez de chuvas.

De fato, as crises hídricas que tão cada vez mais frequentes têm feito com que o governo acione mais as termelétricas. Foi o que rolou em 2021, quando os reservatórios das hidrelétricas ficaram abaixo do normal. O resultado mais direto disso você deve ter percebido. É a tal tarifa vermelha. A conta de luz que ficou bem mais alta.

E a energia das termelétricas é mais cara por aqui do que a das hidrelétricas porque, por ser menos eficiente, ela depende de subsídios. Fora que os combustíveis fósseis, claro, são mais caros que água.

A crise hídrica, aliás, vem sendo usada como argumento pra defender as termelétricas – tanto a carvão quanto a gás natural.

A ideia é que combustíveis fósseis seriam mais confiáveis do que as fontes renováveis porque tem faltado água mais do que o normal.

E energia eólica e solar são intermitentes. Traduzindo: nem sempre tem vento, nem sempre tem sol.

A turma do carvão, e também a do gás, usam esse argumento pra defender que, sem eles, o caminho é o apagão e o racionamento de energia. Já outros especialistas em energia afirmam que essa questão da intermitência pode ser compensada com um mix bem bolado de todas as fontes renováveis.

O ponto é que o problema de usar os fósseis vai além. Quando a gente queima esses combustíveis, a gente tá aquecendo o planeta – o que aumenta a chance de secas extremas.

Então, quando a gente privilegia uma fonte energética supostamente estável, a gente tá é comprando mais instabilidade a longo prazo. O uso desses combustíveis tem que ser reduzido ao máximo.

A usina Jorge Lacerda foi inaugurada durante a ditadura – mas, verdade seja dita, o investimento em carvão mineral no estado vem de muito antes.

Começou com os ingleses, no século XIX... e continuou aos trancos e barrancos, com um ou outro grande entusiasta não deixando o projeto morrer.

Desses entusiastas, se destaca o próprio Jorge Lacerda — o Jorge Lacerda "pessoa física". E olha... ele fez por onde pra ganhar a honra de batizar a usina.

Esse Jorge Lacerda — a pessoa — foi um político catarinense dos anos 50, simpatizante do integralismo — o "fascismo à brasileira". Além de um apaixonado pelo carvão. Quando ele foi governador do estado, ele criou a Sociedade Termelétrica de Capivari.

A Jorge Lacerda — a usina — tá no centro da principal atividade econômica da região. A indústria de carvão é responsável por 30% da economia do sul do estado de Santa Catarina.

Mestre de cerimônias: ... estamos falando, senhoras e senhores, da manutenção de mais de 20 mil empregos diretos e indiretos e de uma movimentação superior a 6 bilhões de reais na economia do sul do estado.

Giovana Girardi: Todo esse parque industrial foi privatizado no fim dos anos 90, no governo Fernando Henrique. Quem assumiu a administração na época foi a empresa belga Tractebel, que depois foi fundida ao grupo que hoje é a francesa Engie.

Daí, em 2020, a Engie anunciou que ia deixar de operar o complexo. Em nota, o presidente da empresa disse que a decisão fazia parte do processo de "descarbonização" do portfólio deles.

Agora, imagina o perereco em Capivari de Baixo...

Da noite pro dia, a principal fonte econômica da região podia sumir do mapa. Mas tinha um cara que não ia deixar isso acontecer.

Mestre de cerimônias: ... convidamos para fazer uso da palavra o presidente da Associação Brasileira de Carvão Mineral, senhor Fernando Zancan.

Giovana Girardi: Zancan. Guarda esse nome.

Fernando Zancan: ... em função dessa cadeia produtiva... e falando da

transição energética justa. Outro dia me perguntaram o que que é justa. Justa é não deixar ninguém pra trás. Justa é não destruir valor. Justa é fazer com que a gente olhe pra coisa mais importante que nós temos, que é o emprego. Então isso é transição justa. É isso que tá se trabalhando."

Giovana Girardi: Se tem alguém que sabe dar nó em pingo d'água na argumentação em favor do carvão mineral – mesmo no Brasil! – esse cara é o Zancan. Agora, eu queria só fazer uma pausa aqui.

Se, nesse tempo todo que eu tô falando em "carvão mineral", você tá imaginando o seu carvão do churrasco... pera lá. O carvão do seu churrasco é o carvão vegetal, quer dizer: madeira queimada.

Carvão mineral — *o combustível fóssil* — é uma rocha sedimentar de milhões de anos. Ela é feita do acúmulo de matéria orgânica. A formação é muito parecida com a formação do petróleo. Por isso os dois são chamados de "combustíveis fósseis".

O carvão mineral pode queimar durante muito tempo... o que pode ser ótimo pra gerar energia... mas é péssimo pro meio ambiente. Isso porque, nessa queima, ele produz, além do danoso CO2 — que causa o efeito estufa —, mais um monte de outros poluentes e coisas tóxicas.

Então, se você não quiser temperar a sua picanha – ou o seu pãozinho de alho... — com mercúrio, arsênio e chumbo... é melhor passar longe desse carvão. Continua com o vegetal.

Mas voltando aqui pro Zancan e pro carvão mineral.

Já que não dava mais pra contar com a Engie — que vem cedendo à pressão dos ambientalistas — o Zancan precisou convencer outra empresa a assumir o controle da Jorge Lacerda. E ele conseguiu. A Diamante Holding achou que isso era um bom negócio. E só era mesmo um bom negócio porque tanto o governo estadual quanto o federal criaram condições "sedutoras" pra Diamante segurar essa batata quente.

E claro que também tinha dedo do Zancan nisso...

Eu queria entender como esse cara, remando na contracorrente, consegue ganhar tanta gente "na lábia".

-

Giovana Girardi: Antes desse evento que anunciou a nova gestão da Jorge Lacerda, eu já tava de olho no Zancan. Uma fonte minha de anos — que pediu pra não ser identificada aqui no Tempo Quente — tinha me dito que o Zancan era um dos caras mais inteligentes que ele conhecia. Que ele fazia as pessoas chorarem falando dos

empregos que o carvão gera.

Quando eu ouvi o Zancan falando em "transição justa", em "não deixar ninguém pra trás"... eu não chorei. Mas eu também não fiquei indiferente.

Esse argumento é matador.

Quem é que tá disposto a botar mais de 20 mil empregos em risco? Ainda mais num país em crise? Quer dizer: não é como se o Zancan tivesse defendendo que o carvão não pode acabar, ou duvidando do mal que ele causa.

Ele "só" propõe que isso não seja feito da noite pro dia. Ele propõe uma "transição justa". Ele não é um radical...

Ai, pera. Será que ele tá abalando as minhas estruturas?

Eu definitivamente preciso falar com esse cara.

Giovana Girardi: Zancan, bom eu queria... [...]

Giovana Girardi: Uma coisa que ficou bem clara pra mim é que: o que o Zancan faz tem nome. É lobby. E isso não é nenhum problema pra ele.

Fernando Zancan: Aí o cara fala "ah, o cara é um lobista" [...] o que eu tô fazendo contigo é um trabalho de lobby, tô te convencendo, não sei se vai te convencer ou não, mas olha aqui, eu tô fazendo isso aqui, posso tá certo ou tá errado isso aqui, mas eu tô te mostrando, meu trabalho é mostrar, né?

Giovana Girardi: Ele tem um ponto. O lobby como ferramenta política não é um problema em si. A gente demonizou essa palavra "lobby", né?

Falou "lobby", a gente já pensa em maracutaia.

Por definição, "lobby" é "pressão de um grupo organizado". Numa democracia, todo mundo tem direito a defender a própria causa.

O ponto é: o que que faz uns ganharem e outros perderem, né?

O Zancan sabe que ele é um lobista competente.

Ele me contou, orgulhoso, uma coisa que ele ouviu do então governador de Santa Catarina Luiz Henrique Silveira:

Fernando Zancan: Ele disse "Zancan, eu sempre te achei um bom vendedor de peixe, mas agora eu sei que teu peixe é fresco".

Giovana Girardi: É... o cara consegue transformar carvão mineral — um combustível

poluente e condenado à extinção —, em peixe fresco. Eu posso até torcer o nariz pra esse peixe. Mas o governo federal comprou. E o estadual também.

Como é que ele faz isso?

Eu suspeito que tenha a ver com a escolha das palavras.

Giovana Girardi: Essa é uma expressão que vocês usaram bastante no evento de quarta-feira né, [...] transição justa é não deixar ninguém pra trás.

Fernando Zancan: Por quê? Por que... cê vai... sabe quantos empregos tem na indústria do carvão na Europa hoje? 300 mil...

Giovana Girardi: É. Porque... [...] quando eu penso na palavra transição, eu entendo que vai mudar de uma coisa pra outra, mas num processo lento.

Fernando Zancan: Que que é uma... [...] que se define transição justa, é de um modelo econômico, que eu gero emprego e X de renda, X de emprego, X de renda, e vou pra um outro modelo que eu vou gerar X de emprego, X de renda, pelo menos igual. [...] Então, o que que eu tenho que trabalhar dessa indústria hoje, que ela é de alto carbono, eu tô emitindo CO₂, pra uma indústria que vai ... de preferência emitir zero CO₂... Como eu chego lá? Eu preciso de tempo pra isso... porque se eu fechar agora... [...] vou destruir valor e vou destruir social e econômico.

Giovana Girardi: Mesmo sem chorar com os argumentos do Zancan, eu entendo o ponto dele. Claro que eu me importo com essa gente toda que pode ficar desempregada do nada se o lobby ambiental, se o lobby da ciência ganharem essa guerra.

Ok, você pode tá pensando: "ué, mas ela tá torcendo por um lobby? Jornalismo não é pra ser imparcial?"...

Sim, a imparcialidade é um pilar do jornalismo, algo que a gente sempre procura. Mas a imparcialidade não pode ser confundida com dar pesos iguais pra coisas que não são nada iguais.

Tem uma máxima – que eu concordo – que diz assim: se tem uma pessoa dizendo que tá chovendo, e outra que diz que não tá chovendo... o papel do jornalista não é dizer que essa história tem dois lados.

O papel dele é abrir a janela e ver se tá chovendo ou se não tá.

O aquecimento global causado por ações humanas é real. Cientificamente aceito pela

imensa maioria dos cientistas sérios. A vida no planeta vai ficar muito difícil se a gente não mudar. O relatório do IPCC é muito claro nisso. O "doisladismo" nesse caso não faz o menor sentido. Portanto, eu defendo a ciência.

Mas não é por isso que eu não vou me importar com as pessoas que vão ser impactadas se esse lobby ganhar... Eu queria conhecer elas de perto. E o trabalho delas.

Eu confesso que, quando eu pensava em trabalho em mina de carvão, o que vinha na minha memória eram essas notícias que tinham me chocado, ainda na infância:

Repórter: Na boca da mina foi montado um posto de emergência. [...] Funcionários da carbonífera iniciavam a tentativa de resgate dos 33 mineiros que encontravam-se no interior da mina.

Giovana Girardi: Em 1984, uma explosão causada por acúmulo de gás metano matou 31 mineiros em Urussanga, perto de Criciúma. Foi o maior acidente numa mina de carvão no Brasil.

Mas, claro, isso já faz quase 40 anos. Tudo pode estar muito diferente. Só que o negócio é que pra visitar uma mina de carvão, eu não podia ir lá bater na porta.

Eu precisei pedir autorização pro sindicato da indústria de carvão – do qual, claro, o Zancan também é consultor. E eles não negaram a visita, de jeito nenhum.

Mas, claro, me levaram pra conhecer uma que é modelo de funcionamento.

Funcionário: Bom dia!

Giovana: Bom dia.

Giovana Girardi: O bombeiro que nos acompanhou na visita guiada logo tratou de dizer que não era pra ter medo. Pelo contrário: pra ele, conhecer a mina é diversão pura:

Bombeiro: Tu não conhece Beto Carrero? É um parque temático daqui. Mas eu sempre brinco que é mais legal que o Beto Carrero. Porque o Beto Carrero tu paga e visita, aqui não é qualquer um que pode entrar...

Giovana Girardi: A mina modelo é a Mina Mel, que fica na cidade de Treviso, a pouco mais de 30 quilômetros de Criciúma. E eu nunca fui no parque do Beto Carrero pra comparar, mas lá na Mina Mel eu fui muito bem tratada.

Me paramentaram com um macacão bem estiloso com umas faixas dessas que refletem a luz... capacete, lanterna, meião, galocha, máscara, protetor de ouvido... Você consegue ver fotos desse e de outros momentos da apuração lá no nosso site: radionovelo.com.br/tempoquente.

Lucas Jorge: Então o pessoal ainda acha que é meio assim, um pessoal de picareta na mina... Não é nem um pouco mais assim, né, é tudo com máquina.

Giovana Girardi: Parecia que a gente tava numa caverna comprida, muito bem organizada em várias galerias. O pé direito era baixo — mas eu só tenho 1,54m, então nem precisei me abaixar em nenhum momento.

Giovana Girardi: Teve esse acidente grande em 1984, né, que foi o maior acidente da indústria do carvão.

Lucas Jorge: 1984. É, foi o maior e acho que foi... Acho que foi ali as mudanças de chave do setor. Hoje [...] uma das coisas que eles prezam muito que é a segurança. [...] eu já devo ter uns 35 cursos desses (*risos*) Porque realmente é uma atividade de risco. Eu acho que a escala é de 1 a 5 e a atividade é 5. Então...

Giovana Girardi: A escala de risco é de 1 a 5, e a do carvão é 5? Uau...

Lucas Jorge: Então, assim, hoje a gente não tem mortes no setor pelo menos há três anos...

Giovana Girardi: Os ventiladores superpotentes — pra dissipar qualquer gás e evitar um acidente como o de 84 — também ajudavam a minimizar a sensação de claustrofobia.

Só que, mesmo com tanto vento — e mesmo usando máscara o tempo todo — eu sentia um cheiro muito forte no ar.

Giovana Girardi: Tem um cheiro, que que é?

Funcionário: Carvão...

Giovana Girardi: Fiquei com medo de que fosse gás. Não era. Era cheiro de carvão mesmo. É um cheiro que lembra um pouco o de enxofre. O ar fica pesado, e dá um pouco de dor de cabeça.

Lá na mina, me explicaram que a extração de carvão hoje acontece basicamente de duas maneiras:

A primeira, com perfuração e detonação... com dinamite, por exemplo.

A segunda, com o corte do carvão de maneira mecânica.

A Mina Mel opera desse segundo jeito, com corte mecânico.

O processo é bem automatizado. Quem faz esse trabalho sujo é uma máquina, o "minerador contínuo". É um monstro barulhento que vai jogando água, quebrando a rocha e jogando os pedregulhos numa esteira. O carvão vai ser separado desses pedregulhos depois.

A água é usada justamente pra não deixar o pó de carvão suspenso no ar e, assim, diminuir o risco de causar doenças nos mineiros. Só que, mesmo com tanta água no processo, ainda sai bastante poeira.

Os meus olhos ficaram ardendo.

A minha máscara branca ficou cinza. O meu bloquinho também.

No fim do "passeio", o pessoal que me guiou pela mina queria saber o que eu tinha achado. Eu fiquei meio sem saber o que dizer.

Pelo lado da engenharia, claro que é uma operação interessante. Mas eu só pensava no mundo pegando fogo. Não tinha como dissociar do que tava sendo extraído dali. E as consequências do uso desse material não só pro ambiente, mas pra vida no planeta.

A pergunta que ficava na minha cabeça é: vale a pena tanto estrago pra gerar tão pouca energia?

No dia seguinte, eu marquei de conversar com o coordenador do curso de história do Instituto Federal Catarinense, o Giovani Felipe. Eu queria falar com o Giovani não só porque ele é um especialista local no tema da exploração do carvão na região, mas também porque ele tem uma experiência bem prática nesse assunto.

Giovani Felipe: Eu sou de Imaruí, uma cidadezinha a 110 km ao norte de Criciúma, 89km ao sul de Florianópolis e vim pra cá e coloquei alguns sonhos no papel [...] Um deles era trabalhar em minas de carvão, né?

Giovana Girardi: Por que você tinha esse sonho?

Giovani Felipe: Pela questão do salário, você em 15 anos você está aposentado, tem a questão de você trabalhar 6 horas por dia. Aí tinha a ideia de você ganhar um litro de leite por dia... Então tudo aquilo vai te alimentando...

Giovana Girardi: O Giovani chegou a Criciúma seduzido pela ideia da indústria do carvão como um pólo de crescimento da região – e da vida de todo mundo ali. Ele trabalhou por quatro anos – de 2005 a 2009 – numa mina da mesma carbonífera daquela mina "Beto Carrero", a Mina Mel.

Giovana Girardi: Que coincidência! A gente foi lá ontem, Giovani, a

gente visitou a Mina Mel.

Giovani Felipe: Isso. [...] Na época que eu trabalhei lá eles estavam fazendo a abertura da Mel, que significava Mina Esperança Leste - MEL. Por isso, Mel. [...] no período que eu trabalhei lá, essa mina Esperança, uma das bifurcações que leva para os conjuntos mecanizados, ela desceu, ela estava caindo. No dia inclusive que a camada estava caindo, eu estava trabalhando...

Giovana Girardi: Quando a Mina Mel estava sendo aberta, a mina antiga em que o Giovani trabalhava "colapsou". Por sorte, nesse dia, os mineiros conseguiram fugir a tempo – e só o maquinário ficou soterrado.

Giovani Felipe: A gente conseguiu retirar algumas coisas, alguns instrumentos e equipamentos ficaram para trás...

Giovana Girardi: Mas o Giovani testemunhou vários outros acidentes.

Giovani Felipe: [...] tive alguns colegas que morreram nesse período.

Giovana Girardi: De 2005 a 2009.

Giovani Felipe: De 2005 a 2009. Vi alguns colegas sendo acidentados também. E isso foi marcando assim, né. [...] E aí eu fiz essa pergunta: "É isso que eu quero para minha vida?"

Giovana Girardi: A ficha terminou de cair quando ele mesmo teve um acidente.

Giovani Felipe: Você vai perdendo colegas, você tem a iminência de sofrer um acidente como eu tive, fatal. Tu vai do local do teu trabalho para o hospital com duas paradas cardíacas. Você não morre por sorte ou por Deus ou...

Giovana Girardi: O quê que te aconteceu?

Giovani Felipe: Eu levei um choque elétrico, uma corrente de 4000 V passou rápido no corpo e me jogou em uma distância de 2, 3 metros e eu encostei a mão na máquina, a máquina estava com passagem elétrica da estrutura de energia para a carcaça da máquina de ferro e eu encostei a mão e encostei as minhas costas no teto, tem os parafusos. Aí deu passagem no corpo, eu tenho uma marca até hoje nas costas. Me jogou, [...] o fato de me jogar fez com que eu pudesse ter uma chance. E aí tive, com o socorro dos colegas, consegui sobreviver.

Giovana Girardi: Depois do acidente, o Giovani decidiu que o trabalho na mina não era pra ele. Na verdade, não devia ser pra ninguém.

Giovani Felipe: E fiz um compromisso comigo mesmo de se for para estudar, se for para pesquisar, que seja para falar sobre os trabalhadores dessas minas de carvão.

Giovana Girardi: Do ponto de vista de historiador, o Giovani quis entender como foi que a região ficou tão dependente do carvão.

Giovani Felipe: [...] justamente por toda essa estrutura social que tem na cidade de olhar para o carvão como uma atividade lucrativa, com benefícios, [...] e condições melhores. [...] Benefícios que na verdade não existem. [...] Você vai perceber que a cidade, ela é estruturada para defender o carvão.

Giovana Girardi: "A cidade é estruturada pra defender o carvão". Não é força de linguagem.

Giovani Felipe: [...] A imprensa hoje, as rádios, os jornais pertencem e são ligados à indústria do carvão. O prefeito é ligado à indústria do carvão. Os deputados são ligados à indústria do carvão.

Giovana Girardi: Um dos maiores cases de propaganda bem sucedida da indústria carvoeira da região são os times de futebol.

Giovani Felipe: [...] Criaram um time de futebol [...] o Metropol. [...] jogou com o Santos de Pelé, fez excursão na Europa, era uma máquina de fazer gol na época. E as manchetes da época [...] apresentam isso: Criciúma como a capital do carvão. É que tem o Metropol das indústrias de carvão, campeão! Uma atividade Campeã.

Giovana Girardi: O time profissional do Metropol foi desativado no fim dos anos 60, mas virou lenda no esporte local. Hoje, o clube mais popular da região é o Criciúma. Aliás, os torcedores do Criciúma são apelidados de... "carvoeiros".

Giovani Felipe: Do time carvoeiro da cidade, uma camisa linda, como símbolo um mineiro lindo ali, tem aquela ideia de que o trabalhador, o mineiro, ele é forte, heroico, bravo...

Giovana Girardi: Enquanto a imagem do mineiro "forte, heroico, bravo" atíça o orgulho na região, esses trabalhadores continuam expostos aos riscos...

Giovani Felipe: Alguns acidentes assim que te choca. Imagina você ter dois colegas trabalhando em um ambiente. Eles estavam fazendo a sondagem, a perfuração. Vaza metano, os equipamentos na hora não dão conta de poder perceber isso, há uma explosão, os dois a uma distância de 10 km mais ou menos da saída em um local que não tem comunicação. E depois de andar 10 km com 70, 80% do corpo

queimados, eles chegam à superfície e são resgatados ali pela equipe de segurança, são levados para Porto Alegre. E no dia do acidente tem uma manchete: "Mineiros são levados com vida para o hospital". Eles estavam praticamente mortos. É porque a ideia de morrer no local de trabalho é complicada. E as pessoas que olham ao redor: "Mas essa é uma fatalidade, é um acidente, é uma tragédia". E se você for pegar as manchetes das mortes, como eu fiz, você tinha uma manchete, uma fotografia de uma criança brincando no parque. A alegria está posta na cidade, as crianças, o futuro da nossa cidade. E ao lado a manchete: Mineiro morre em Criciúma. Pequeninha.

Giovana Girardi: Ouvir o Giovani falando dos acidentes que não são contabilizados nos jornais me fez querer conhecer a região daquele acidente que não conseguiu fugir da pauta nacional.

O de 1984.

Mas eu sabia que não ia ser a assessoria de imprensa que ia me levar lá...

Quem topou me guiar pela região de Urussanga, no entorno da mina Santana – que é a mina que explodiu em 84 – foi o Sidnei Casagrande, o ex-presidente da Associação de Moradores do Rio Carvão.

Sim, o rio se chama "Carvão".

A gente pegou uma estradinha de terra que margeia o Rio Carvão. Falando assim, até dá pra imaginar que seria uma paisagem bucólica, né? Na verdade, parecia mais uma paisagem lunar... ou pós-apocalíptica. Sem nenhuma vida.

Giovana Girardi: E qual que é a história dessa região? Tinha uma mina aqui então antigamente?

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Na verdade, tinha várias minas, o rio tá aqui do ladinho, amarelinho.

Giovana Girardi: O rio é amarelo, segundo os moradores, por causa da presença de pirita, que é um dos principais rejeitos da mineração de carvão.

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Se a gente for lá em cima, vai ver da onde que vem. Vem duma mina, que é a boca da mina, que sai uma água, ela é branca, por causa do gás, né, do enxofre, e aí mistura com outra que vem de outro rio que se encontra, e...

Giovana Girardi: Esse rio então não tem vida?

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Não, tá bem mortinho.

Giovana Girardi: Não tem peixe, não tem nada?

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Nada. Isso, os mais velhos que contam, que tinha peixe, que tinha tudo, né, aí na década de 40 que começou a mineração e aí estragou o rio.

Giovana Girardi: O Sidnei, ele é pedreiro. Ele me contou que nunca quis trabalhar com carvão porque ele viu de perto o que acontecia com quem trabalhava.

O pai dele, que foi mineiro, morreu aos 49 anos de pneumoconiose, que é uma doença provocada pelo acúmulo de poeira no pulmão... como o pó de carvão.

Os tios, que também eram mineiros, morreram de outras doenças respiratórias.

Além do drama familiar, o Sidnei viu a comunidade toda sofrendo com a poluição do solo e do rio.

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Então, a mineração, ela trouxe emprego? Trouxe. Só que, no geral, fazendo a avaliação, não valeu a pena porque muita gente enriqueceu, foi a riqueza tudo pra Criciúma e pra outros centros. Nessa região não ficou nada, deixou pessoas doentes, mortas. A degradação nem se conta, né?

Giovana Girardi: Eu pedi pro Sidnei me levar pra conhecer as ruínas da mina Santana.

Sidnei Casagrande (Chiquinho): [...] É aqui. [...] Não dá pra entrar aí, né.

Giovana Girardi: Nossa.

Sidnei Casagrande (Chiquinho): A mina abandonada, e é nesse contato dessa água com o ar, vira essa acidez aqui, né, o gás, né. O que a gente sempre pedia é que trancasse essa boca, fizesse o tratamento, pra ela sair uma aguinha normal, né, assim...

Giovana Girardi: Transparente...

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Transparente, não branca. Você vê as folha como tá branca...

Juliana Baratieri: Tem um cheiro, também...

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Nossa, é um cheiro... que sufoca, né?

Giovana Girardi: O que a gente via na nossa frente era um alagado poluído, com manchas em tons de laranja, amarelo, ocre, branco. E um cheiro muito forte de

enxofre.

Ao fundo, coberta pela vegetação, tava a boca da mina por onde os 31 mineiros baixaram e nunca mais retornaram.

Eu achei que ia ter um memorial ali... pelo menos uma cruz pelos mortos. Mas não tinha nada. De lembrança, só o gás que continua saindo.

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Na verdade, eles querem mesmo que seja abandonado e escondido, né. Sabem que têm culpa no cartório.

Giovana Girardi: Se a ideia era esconder, o trabalho foi muito bem feito.

Sidnei Casagrande (Chiquinho): A entrada da mina, do carvão, era tudo lá, mas tá abandonado, só tem essa trilha aqui. Só que hoje tá tudo alagado e não dá nem pra chegar perto. Cheiro ruim.

Giovana Girardi: E esse... Esse rio que tá passando aqui é o Rio Carvão? Ou isso aqui é uma água acumulada da mina?

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Na verdade, essa água, ela... ela acaba se ajuntando com o Rio Carvão lá embaixo.

Giovana Girardi: Ah, tá... Então é isso aqui que tá deixando o rio daquele jeito?

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Também! Piora o rio, porque ele já...

Giovana Girardi: Porque tem a pirita...

Sidnei Casagrande (Chiquinho): Pega a pirita do outro rio lá e junta com essa daqui que é a pior de todas, né...

Giovana Girardi: Eu lembrei do Zancan falando em "transição justa".

Essa expressão que carrega todo um respeito aos trabalhadores desse setor antiquado, que não faz mais sentido num mundo que precisa parar ontem de jogar carbono na atmosfera...

Só que depois de conhecer o Giovani, eu só conseguia pensar: são esses os empregos que a gente tá tentando preservar?

Depois de ver o cenário de degradação pós-apocalíptico deixado pra trás pelas minas, contaminando o entorno mesmo décadas depois de desativadas... eu lembrei de outra expressão do Zancan. Aquela mesma que me fez quase cair pra trás no dia do relatório do IPCC: "Carvão sustentável".

Tá. Vamo fazer uma pausa aqui antes de ouvir o "canto da sereia" do Zancan.

De todos os combustíveis fósseis, o carvão é o que pode ter as maiores concentrações de carbono. Pode chegar a 95%. Mais que o petróleo. E bem mais que gás natural.

É a queima do carvão que gera energia. E pra queimar qualquer coisa – lembra da aula de química? – precisa de oxigênio. Aí misturou carbono com oxigênio, que dá? Gás carbônico. O CO₂, o grande vilão do efeito estufa, do aquecimento global, da crise climática, enfim.

Quer dizer: não tem como queimar carvão sem gerar CO₂. Então como é que faz?

A ideia por trás do carvão sustentável é boa: já que não dá pra tirar o gás carbônico da equação, o negócio é capturar esse gás antes de ele sair pela chaminé. É como se a proposta fosse virar a chaminé de cabeça pra baixo e mandar esse CO₂ pra um reservatório.

Essa tecnologia é relativamente simples, e nem é novidade... na verdade, ela já existe há mais de 50 anos — mas não por questões climáticas. A indústria química usa um processo parecido pra produzir gás carbônico pra outras coisas, tipo: pra gaseificar refrigerante.

Mas a captura é só a primeira parte do processo. Tem que transportar esse gás, armazenar em algum lugar, e ficar monitorando ao longo do tempo. São processos que demandam energia e custam caro. Por isso ainda não é uma tecnologia usada em escala industrial em usinas termelétricas.

Só tem uns pequenos projetos hoje no mundo. E aí...

Fernando Zancan: E aí depende do interesse... de cada país ou de cada bloco. Interesse comercial, na verdade...

Giovana Girardi: Além de sair caro, a tecnologia também não é fácil de adaptar em usinas que já tão em funcionamento.

A Jorge Lacerda, por exemplo, já tá velhinha, e nem compensaria fazer a reforma pra implantar o sistema de captura de carbono nela...

Idealmente, pro Zancan, o negócio é construir usinas novas, contando que elas viriam com esse abatimento de carbono. O tal "carvão sustentável" é a "menina dos olhos" do Zancan. Ele fez questão de me mostrar que o trabalho dele não envolve só o lobby da indústria – mas também o investimento em pesquisa pra "modernizar o setor".

Fernando Zancan: Bom, aqui é o laboratório de captura de CO₂. Nós pegamos a tecnologia, o reator, pra capturar CO₂, que é um processo de

adsorção, é físico, e támo desenvolvendo, ao mesmo tempo, o absorvente. Então imagina uma esponja em que o CO2 vai ficar dentro dessa esponja, é isso que a gente tá fazendo aqui.

Giovana Girardi: Tãmo desenvolvendo a esponja?

Fernando Zancan: Tãmo desenvolvendo a esponja, tá? Isso aqui é a fronteira tecnológica mundial, tá?

Giovana Girardi: Em que fase que vocês tãmo?

Fernando Zancan: Piloto.

Giovana Girardi: Entãmo... o carvão vai continuar.

Fernando Zancan: O carvão ele vai ser o carvão com baixo carbono, e o carvão vai ser...

Giovana Girardi: Quando a tecnologia existir...

Fernando Zancan: Mas já existe, nós temos que começar a botar essa tecnologia... num custo que o Brasil queira pagar pra isso.

Giovana Girardi: Tá, mas cê tá achando que isso vai virar rápido né, Zancan? Esse é... essa é a sua... essa é a sua aposta?

Fernando Zancan: Não, não to achando que vai ser rápido, pra mim, eu posso desenvolver... [...]

Giovana Girardi: Mas entãmo ainda a gente tá falando talvez de 20 anos com altas emissões ainda.

Fernando Zancan: Tô falando de 15 anos... por aí

Giovana Girardi: Com altas emissões ainda?

Fernando Zancan: Com as emissões que você tem hoje aqui.

Giovana Girardi: Mais 15 anos, "por aí", jogando gás carbônico na atmosfera... enquanto a gente espera a tecnologia se desenvolver.

Que parte de "o mundo tá esquentando" não deu pra entender ainda?

Gente, recapitulando aqui pra quem não é obrigado a saber esses números de cor que nem eu. Pelo relatório do IPCC, se a gente continuar emitindo essa mesma quantidade de poluentes que a gente emite hoje, a temperatura média da Terra vai subir 1,5°C até 2040. Isso comparado com a temperatura do planeta antes da Revolução Industrial.

Um grau e meio pode até parecer pouco, né? Cê pode pensar: "que diferença faz se tá fazendo 26°C ou 27,5°C?"

Mas pensa que esse número é uma média. Do planeta inteiro. Pode ter lugar em que a temperatura vai subir até 5 graus na média. De 35 pra 40 já faz uma boa diferença, né?

Agora imagina o impacto disso no derretimento das geleiras, na elevação do nível dos oceanos. Isso sem falar em todos os desastres provocados pelo desequilíbrio climático.

E outro "detalhe": essa estimativa de segurar o aquecimento global em um grau e meio é o que o mundo tinha se comprometido a fazer pelo Acordo de Paris. A expectativa era que a temperatura subiria devagarinho ao longo do século.

Mas pelo jeito a gente vai atingir esse marco muito antes, já em 2040!

Quantos anos você vai ter em 2040?

Giovana Girardi: Mas é confiar muito que a tecnologia vai virar a tempo de evitar o pior do aquecimento global, né?

Fernando Zancan: [...] cê tem que entender o contexto mundial dessa história, pra tu refletir, coisa que eu reflito todo dia... Nós tamo falando de um problema... de... maior reserva de carvão, petróleo e gás, juntas, tá na Rússia. É o que mais produz e que mais vende, e ele vive disso. Segundo, os Estados Unidos, que também, indústria monumental de... de... de... de fósil, maior reserva de petróleo e de carvão do planeta, 26% tá nos Estados Unidos, [...] terceiro... China, precisa de carvão, ela não tem... outra fonte energética [...]

Giovana Girardi: Tudo bem, mas a sua conclusão?

Fernando Zancan: Esses caras... se eles querem salvar o planeta, eles têm que apertar as mãos e dizer... a partir de agora vou fazer. Não é o Brasil, o Brasil tem o problema de desmatamento, que é outra conversa, [...] não é o carvão brasileiro, que eu emito 0,19... 0,019% das emissões, não, 0,014% das emissões mundiais de energia, não é nada isso aqui, é um traço, não é nosso problema...

Giovana Girardi: Chegamos a outra estratégia "de mestre" do Zancan: chuva de dados. *"O carvão brasileiro é responsável por uma pequena fração das emissões mundiais, o problema do Brasil é desmatamento"...*

Nada disso é mentira.

Mas primeiro tem uma coisa: mesmo que a queima de carvão pra gerar energia elétrica no Brasil seja responsável por uma parcela muito pequena das nossas emissões, ainda assim é CO2 indo pra atmosfera.

E, nesse momento, cada tonelada de carbono conta. Segundo o IPCC, se o mundo quiser conter o aquecimento, é agora ou nunca. É preciso reduzir muito as emissões. Já. E qual é o sentido de se investir numa fonte de energia que já tá condenada no mundo inteiro?

Claro que esse investimento em "carvão sustentável" – entre todas as aspas – faz muito mais sentido pra países que dependem das termelétricas como a Rússia, os Estados Unidos e a China, como o Zancan falou.

Mas aliás, por falar na China – a China sozinha emite 11 bilhões de toneladas de CO2 por ano. Agora, sabe quanto é a capacidade de captura desse gás carbônico no mundo todo em um ano? 40 milhões.

Quer dizer: menos de meio por cento do total chinês.

Uma das dificuldades para a ampliação da tecnologia é que a própria captura de gás carbônico consome energia. Então, não basta a tecnologia existir. Ela precisa ser eficiente a ponto de não consumir uma boa parte da energia que ela gera só pra não ser poluente.

Os fundos de investimento já se ligaram nisso – finalmente! –, tem muita pressão, restrições no mundo inteiro. Então é muito possível que a indústria carvoeira não sobreviva até a tecnologia se desenvolver a ponto de se tornar "sustentável".

Fora que – lembra? – não é "só" o CO2 que a queima do carvão emite.

Também entram nessa conta outros compostos poluentes, como o enxofre, os metais pesados, e as cinzas, que poluem o ar, a terra, a água, e vão parar até na nossa cadeia alimentar. Fora que o funcionamento das termelétricas exige uma quantidade enorme de água pra resfriar o maquinário.

Se a gente somar toda a área degradada no sul de Santa Catarina, pelas minas abandonadas e pelos depósitos de rejeitos, dá 6.500 hectares, ou 65 km²...

Isso é a área da cidade inteira de Osasco, por exemplo, na grande São Paulo.

Giovani Felipe: Não temos um rio limpo.

Giovana Girardi: Aqui, de novo, o Giovani Felipe, o ex-mineiro que hoje coordena o curso de História do Instituto Federal Catarinense.

Giovani Felipe: Não tem um micro-organismo. Não é peixe, eu não tô falando de peixe, eu tô falando de vida. Não tem um micro-organismo

nas águas dos rios de nossa região, porque é uma água ácida. Se você for pegar as pesquisas que tem na bacia do Araranguá e do Urussanga, você tem os peixes hoje com metais pesados. Se você for pegar os índices das pessoas que têm câncer em Criciúma, é acima da média nacional. E isso é provocado pelo quê?

Giovana Girardi: Uma energia ineficiente, cara, poluente, com consequências graves na saúde não só dos que trabalham diretamente com ela... Como é que isso se justifica?

Giovani Felipe: As pessoas negam de que o carvão, ele é um mal. E no discurso diz: "Ah, foi importante para a cidade porque desenvolveu a cidade, trouxe a economia, fez a cidade ser uma das mais importantes do Sul." Uma cidade com 200 mil habitantes em uma região pobre. Em terra de cego quem enxerga com um é um rei. Como se o carvão fosse realmente algo importante e não é. Ele só teve a história que teve ao longo dos anos porque ele teve subsídios do governo.

Giovana Girardi: Subsídios do governo. E como é que isso funciona, afinal?

Vem comigo que é meio chatinho:

As empresas que distribuem a energia no Brasil – tipo a Enel, a Light, a Cemig, a Neoenergia, enfim, privadas ou estatais, todas elas pagam uma conta pra ANEEL, que é a Agência Nacional de Energia Elétrica. Essa conta é voltada para promover o acesso à energia onde ele é mais difícil.

A ANEEL repassa esse dinheiro, esse fundo setorial, pro programa Luz para Todos, pra benefícios rurais e sistemas isolados no Brasil, por exemplo. Mas também pra "ajudar a viabilizar" a exploração de algumas fontes de energia, tipo... o carvão.

Pra 2022, dos cerca de 30 bilhões de reais desse fundo, 907 milhões estavam previstos pro carvão. E esse dinheiro é fundamental pra manter a indústria funcionando, pra atrair empresas, pra administrar as usinas.

Só que esse subsídio tem data pra acabar. Depois de ser adiado várias vezes, foi definido que ele ia ser distribuído só até 2027. E aí não fazia sentido atrair a Diamante, por exemplo, pra administrar a Jorge Lacerda com só mais 5 ou 6 anos de benefícios.

Giovani Felipe: É que se você for ver a história de Criciúma, ela teve um desenvolvimento a partir do carvão, mas ele beneficiou quem? Duas ou três famílias. Duas, três famílias, uma elite. Hoje, 3 deputados federais da cidade são ligados à economia do carvão. Você tem a Geovania de Sá, que ela é patrocinada pelo prefeito da cidade que tem um tio que é dono de mina de carvão. Você tem o Ricardo Guidi que o pai nasceu na

política defendendo a questão do carvão. Um inclusive é herdeiro da família do carvão, da família Freitas, que é o Daniel Freitas. Muito próximo ao governo Bolsonaro hoje. Muito próximo. Que viaja com a família, que toma café com a família.

Giovana Girardi: Essa "mini" bancada do carvão no Congresso – com um canal direto com a presidência – faz uma aliança fundamental com o Zancan no exercício do lobby. Ele já tinha me falado disso...

Fernando Zancan: Toda... toda a f... todo o nosso... nosso... a nossa discussão é com... o... a classe política porque os... eles tão lá em Bra... são lá em Brasília.

Giovana Girardi: Entendi. Eh... Zancan, [...] como que tem sido esses diálogos do setor com o governo? Eu sei que você tá sempre em Brasília, né, conversando com o pessoal, como que tem sido a recepção, o governo Bolsonaro é mais receptivo pras demandas do carvão?

Fernando Zancan: Então, a gente vem tentando botar térmicas aqui, [...] aí entrou os leilões, [...] mas o leilão de 2009, no meio de Copenhague foi cancelado...

Giovana Girardi: O Zancan tá falando da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, que aconteceu na capital da Dinamarca. Na época, havia uma alta expectativa de que a cúpula terminaria com um acordo entre todos os países pra combater o problema.

O acordo acabou sendo fechado só seis anos depois, em Paris. Mas em meio à comoção de Copenhague, definir um investimento pra carvão realmente seria um péssimo sinal.

Fernando Zancan: E aí, projeto até hoje não saiu

Giovana Girardi: Por pressão ambiental?

Fernando Zancan: 2009 foi pressão ambien... foi... foi pressão ambiental, tá, então a... Dilma cancelou o leilão

Giovana Girardi: Pra não pegar mal lá, isso?

Fernando Zancan: Pra não pegar mal em Copenhague, entendeu... Então aí se perdeu a oportunidade de ter um parque térmico. Bom, o que aconteceu, a gente viu ao longo dos anos, sempre foi trabalhando em Brasília pra viabilizar a modernização, aí entrou o Bolsonaro, quando o Bolsonaro entrou, a gente mostrou isso, aí a gent... aí veio o ministro Bento aqui [...]

Giovana Girardi: Almirante Bento Albuquerque, que foi ministro de Minas e Energia até maio de 2022.

Fernando Zancan: [...] e... e ele que fez rodar a planta piloto, apertou o botão pra rodar a planta piloto, e ele voltou assim: "bom, o carvão tem sentido".

Giovana Girardi: "O carvão tem sentido"...

A gente já tava chegando no final da conversa... e eu, convencida de que tinha que ir pra Brasília conhecer a outra parte do lobby... quando o Zancan soltou mais um argumento "de mestre" pra continuidade dos investimentos no carvão brasileiro. Argumento feito sob medida pro público dele ali — no caso, eu.

Fernando Zancan: Por exemplo, nós temos que manter esse complexo aqui operando, pra gerar o recurso necessário, pra nós continuar recuperando o meio ambiente aqui.

Giovana Girardi: Olha que belezinha de argumento: o carvão degradou o ambiente, isso é ponto pacífico. Mas, se a indústria de carvão não continuar existindo, esse estrago nunca vai ser resolvido.

Eu cheguei em Brasília já com entrevista marcada com o deputado mais expressivo da "mini bancada do carvão": o Daniel Freitas — aquele que o Giovani me contou que era o herdeiro da família Freitas, grande exploradora de carvão em Santa Catarina e amigo da família Bolsonaro.

Já no comezinho da conversa, parecia que eu tava tendo um déjà vu:

Daniel Freitas: [...] até para a questão das recuperações ambientais, essa indústria, ela precisa estar viva para ser mais um agente pra ajudar nessa recuperação ambiental.

Giovana Girardi: Sério, parecia até que o Zancan tinha mandado a nova palavra de ordem pros enviados dele no Congresso.

Daniel Freitas: O Zancan é o nosso consultor nessa área, ele é o presidente nacional da Associação do Carvão Mineral. Então, naturalmente, ele é o conhecedor técnico, eu sou o político que ajuda a pauta.

Giovana: Ele é o grande... defensor do carvão, né?

Daniel Freitas: Ah, ele é. Ele é o cara que abre todas as pautas desde que eu me conheço por gente. Já está há muitos anos.

Giovana: É, muitos anos...

Giovana Girardi: Se o deputado Daniel Freitas deve muito ao Zancan no lobby do carvão, o Zancan também deve muito à "dinastia" Freitas – que tá nessa agenda muito antes de ele pensar em nascer.

O bisavô do Daniel, o Diomício Freitas – que também foi deputado federal por Santa Catarina, nos anos 60 – foi um dos empresários mais poderosos do carvão, e dono de veículos de imprensa no estado.

O Daniel tá, de alguma forma, honrando esse legado...

Daniel Freitas: Desde o meu primeiro ano aqui no Congresso, eu sou presidente da Frente parlamentar em apoio ao carvão mineral.

Giovana Girardi: Giovana Girardi: Mas, claro, com um discurso bem mais pasteurizado e orientado pra "sustentabilidade" — como se isso fosse possível, né.

Daniel Freitas: É uma riqueza que nós temos até hoje, que garante uma energia sólida, e que no passado trouxe um passivo ambiental, é... bastante agressivo naquelas áreas todas. É uma indústria que tende a se desenvolver de maneira mais moderna, buscando cada vez menos a emissão de CO2, e na tentativa de tornar a... a energia a carvão uma energia mais limpa.

Giovana Girardi: O Daniel repetiu direitinho a cartilha do carvão sustentável, da captura de CO2, da transição justa, dos 20 mil empregos...

Daniel Freitas: Diante disso, nós estamos fazendo um trabalho desde o primeiro ano nessa frente parlamentar, com outros parlamentares, envolvendo muito o Poder Executivo.

Giovana Girardi: Acontece que, exatamente na altura da nossa conversa, o lobby do carvão tava precisando mostrar o poder da lábia e dessa "rede de contatos" pra reverter um impasse:

O projeto do "carvão sustentável", aquele publicado no dia do relatório do IPCC, foi uma vitória da causa, claro. Porque deixava bem claro o apoio do governo federal.

Só que o projeto não tinha recursos próprios. Só estimava que poderia movimentar 20 bilhões de reais. Não dizia de onde iam sair esses recursos.

Com o BNDES já não dá mais pra contar.

Carla Vilhena: O BNDES anunciou que não vai mais financiar a partir de setembro fontes de energia que dependam de carvão mineral. O banco quer fomentar alternativas energéticas mais limpas, o que é bom para o meio ambiente.

Giovana Girardi: O Daniel me contou que o esforço naquele momento era tentar aprovar um projeto de lei que pudesse substituir, de algum modo, o subsídio da ANEEL que termina em 2027.

Daniel Freitas: Nós, depois de muito diálogo com o Ministério de Minas e Energia, chegamos num texto aceitável pelo governo, e encontramos através de um projeto do senador Esperidião Amin, pra nós inserirmos em um projeto dele que já passou pelo senado e agora vem para a Câmara uma emenda que trata especificamente dessa pauta de uma maneira que o Governo Federal aceita uma transição justa [...] da nossa indústria carbonífera até 2040.

Giovana Girardi: Quer dizer: o Daniel arrumou um jeito de pegar uma carona num outro projeto de lei que já tinha passado pelo Senado e propor um apoio do governo à indústria do carvão. Mas não bastava um apoio só "verbal", um "joinha".

Daniel Freitas: É que ele fala de várias coisas. Ele fala aqui de uma compra mínima a carvão por parte da... do governo, pra que mantenha a indústria viva.

Giovana Girardi: Ou seja: o projeto propõe que o governo assine um compromisso de contratar energia gerada pelo Complexo Jorge Lacerda até 2040. Quer dizer: grana do governo pras termelétricas, sem escala. Quando a gente se falou — em novembro de 2021 —, o projeto já tava tramitando na Câmara.

Daniel Freitas: E eu espero que a gente consiga aprovar essa matéria aqui na casa.

Giovana Girardi: Eu saí do gabinete do Daniel até com um pouquinho de dó da ingenuidade dele. Um deputado jovem, obrigado a carregar o peso dessa dinastia construída em cima de rejeito de carvão e fumaça tóxica... tendo que rebolar nos argumentos pra fingir que não tá parado no tempo.

Só que não passaram nem três semanas pra cair a ficha de que a ingênuo era eu. Porque o Congresso aprovou o projeto. Quer dizer: pelos próximos anos, quem paga a conta do carvão é a gente, na conta de luz.

Em 2025, entra em vigor a compra mínima do governo... que, na prática, deve ter um impacto maior ainda nos cofres públicos. Tinha ainda a chance de o Bolsonaro vetar o projeto de lei... mas, nessa altura, não tem mais como ser otimista, né? E ele sancionou o projeto, logo na primeira semana de janeiro.

No dia da sanção da lei pelo Bolsonaro, eu não resisti e mandei um zap pro Zancan: "Conseguiu, hein?" Ele respondeu na hora.

Fernando Zancan: Ô, Giovana... é importante, [...] é o primeiro no

Brasil, primeiro setor que tem um projeto de transição que está construindo o seu futuro. A gente tem bem claro que pra resolver um problema, primeiro tu tem que saber que você tem um problema. Aí depois você vai atrás da solução. É isso que a gente está fazendo.

Giovana Girardi: É... o lobista não larga o script nem na hora da comemoração. E, como diria a Dilma, o negócio agora é dobrar a meta.

Fernando Zancan: É... por exemplo, cê criar um fundo Amazônia, como tem... por que você não cria um fundo pra transição energética do carvão, como tá sendo feito na Europa, tá sendo feito nos Estados Unidos?

Giovana Girardi: Ah, não, usar o Fundo Amazônia de exemplo pra criar um fundo pro carvão não dá. Aí já é demais pra minha cabeça... mas é também um gancho pro que vem por aí no próximo episódio de Tempo Quente!

A gente vai falar do maior problema de emissões de gases de efeito estufa do Brasil: o desmatamento. E não é o Zancan que tá falando, não, são os números.

Agora: claro que o lobby por trás desse problema é ainda mais poderoso, né?

Ainda em novembro, quando eu tava em Brasília – depois de entrevistar o deputado Daniel Freitas –, eu aproveitei pra ir atrás dos lobistas do desmatamento, ops, quer dizer, do agronegócio. Lembra? Eu preciso aprender com esses caras. Mas vamos ver se eu tenho condicionamento físico pra isso!

João Hummel: Tudo bom?

Giovana Girardi: João!

João Hummel: vamos falar...

Giovana Girardi: que horas?

João Hummel: vamos ver... daqui a pouco

Giovana Girardi: daqui a pouco?

João Hummel: deixa eu só.

Giovana Girardi: Não, pera... vai lá.

-

Tempo Quente é um podcast original da Rádio Novelo, produzido com apoio do Instituto Clima e Sociedade e da Samambaia Filantropias.

Eu, Giovana Girardi, apresento, faço a reportagem e assino o roteiro com a Paula Scarpin – com o apoio da Bárbara Rubira, da Flora Thomson-DeVeaux e do Arnaldo Branco.

A coordenação do projeto é da Ana Magalhães e da Bárbara Rubira, que também faz produção com a Marcelle Darrieux.

A gente teve a consultoria da Cristina Amorim e do Claudio Angelo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Branca Vianna, e a direção executiva é do Guilherme Alpendre.

A música original foi composta pelo Arthur Kunz.

A edição é do Lucca Mendez, e a sonorização é da Júlia Matos, com o apoio da Paula Scarpin.

A direção de locução é da Mika Lins.

Nós gravamos na Confraria de Sons e Charutos.

Este episódio teve captação de som de Juliana Baratieri e apoio de produção de Clara Rellstab.

A checagem é do Emerson Kimura.

A mixagem foi feita pela Pipoca Sound.

A estratégia de promoção e distribuição fica por conta da Juliana Jaeger e da FêCris Vasconcellos.

As redes sociais são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff, com o designer Mateus Coutinho.

A edição do nosso conteúdo em vídeo é da Thais Fernandes.

Nossa identidade visual foi elaborada pela Natasha Gompers, e o nosso site foi feito pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

Neste episódio, usamos áudios da CNN Brasil e da RBS TV.

Agradecemos a Bruno Mandelli, Carlyle Torres, Ezio Scarabelot, Fabio Teixeira, José Paulo Serafim, Juliano Bueno de Araujo, Lucas Jorge, Luiz Antônio Barbosa, Nicole Oliveira, Roberto Kishinami, Roberto Schaeffer, Vicente Correa Costa e a todo o pessoal da Carbonífera Metropolitana.

Pra não perder os próximos episódios, segue o Tempo Quente no seu aplicativo de podcast preferido.